

El día que me quieras

Do corredor dava para ouvir dentro do apartamento o barulho ritmado da cadeira de balanço arremedando as notas do bolero cantado por Lucho Gatica. Quem balançava tentava acumpliciar o gungunado enervante da gangorra com os ponteados redondos do violão choroso. E aqui e ali, por alguns instantes, conseguia. O rangido de pau e molas abraçava as notas lamentosas da música e saíam rodopiando pela escada abaixo até a entrada do edifício. Ganhavam a rua e se perdiam no inferno de barulhos que o comércio fogueiro trazia pro bairro antigo. A instrumentista que impunha aquela parceria absurda à tarde quente daquela segunda-feira, a maestrina daquela gaita absurda era dona Belinha.

Acaricia mi ensueño

El suave murmullo de tu suspirar

Como ríe la vida...

O seu apartamento era o menor dos dois que dividiam o mesmo endereço na movimentada rua do bairro antigo. Primeiro e segundo andar. O de Belinha em cima. Embaixo, o casal de professores aposentados e sua filha divorciada. No térreo, uma loja de aviamentos. A rua fora no passado um endereço famoso por abrigar o Mercado Central, lugar pra se comprar as melhores empadinhas da cidade, e onde as coxinhas, não menos disputadas, ainda vinham espetadas no osso de galinha. Por muito tempo também abrigou o único cinema do bairro e, nos primórdios da cidade, as mais freqüentadas casas do baixo meretrício. O apartamento, muito espaçoso, era considerado um desperdício pela sua única moradora. As grossas paredes serviam de barricada ao frenesi das ruas e, nos largos corredores, medidas generosas das construções antigas apenas ressoavam com discrição, entre o bater de portas e o tocar das campainhas, as vozes choradas dos cantadores de boleros e tangos, os preferidos de dona Belinha. Os de baixo reclamavam quando ela, morta de medo de incomodar, baixava demais o volume.

- Suspende o som, Belinha!

E Belinha obedecia com o prazer de quem divide nuvens.

Si tus ojos negros me quieren mirar...

Às vezes trocavam serenatas pelos vãos das portas. *Contigo en la distancia* era o preferido do condomínio. Belinha tinha o bolero gravado em mais de vinte vozes, mas nenhuma se comparava a de Lucho Gatica. Os de baixo, já preferiam a gravação com Trío Los Panchos e, de vez em quando, brigavam de mentirinha. Quando a de cima punha o Gatica na vitrola, os de baixo rodavam Los Panchos no toca-disco. Aí, ficavam guerreando com o volume. A trégua era celebrada com pães de queijo ou com broas de fubá que, tanto os de baixo quanto a de cima, faziam com incomparável talento.

Y si es mio el amparo

De tu risa leve que es como um cantar

Ella aquieta mi herida

Todo todo se olvida...

Cinco horas da tarde e Belinha gangorrava irresponsável dentro de seu casulo. Ainda não havia tirado do corpo o vestido estampado de azul e branco nem a blusa rosa, o batido “uniforme de ver Deus”, como ela mesma se referia às já meio descoradas peças de roupas que passavam quase o ano todo penduradas pelos ombros, dentro do guarda-roupa recendendo a naftalina. O conjunto batido só saía de lá nas suas poucas incursões ao mundo nervoso e sem atrativos, do lado de fora do apartamento.

Ah, tinha a bolsa!

A bolsa era nova e cara. Um presente extravagante de uma neta bem empregada, apaixonada pelo alto astral da vó derretida. Atravessada no ombro, o apetrecho sofisticado contrastava com a vestimenta insossa e perdia seu *status*. Mas Belinha nem se apercebia da pose quando atacada pelos olhares críticos. Agora, ali no balanço, o presente descansava sobre os seus joelhos. Sobre a peça *chic*, uma chávena e um pires equilibrados com cuidado pra não entornar o chá de camomila, com o vai-e-vem da cadeira. Entre um e outro solo, Belinha levava à boca o líquido morno. E a cadeira ia e vinha cuspidor rangidos metálicos em cima das notas afinadas do bolero sofrido.

*El día que me quieras
La rosa que engalana...*

Mais de hora já tinha se passado da chegada de Belinha do banco.
Ah, o banco!

Em duas aventuras mensais ela enfrentava aquela instituição desgraçada. Uma no início do mês, para pagar as contas; depois, que o governo lhe depositava a pensão minguada. A outra, no meio do mês, para tirar extratos e conferir se algum fiapo da grana regrada teve fôlego para chegar até ali.

*Se vestirá de fiesta
Con su mejor color...*

Duas vezes por mês, a viúva saía de casa antes das nove horas e ajudava a tecer aquela fila pachorrenta do lado de fora para esperar que às dez a agência se abrisse e pusessem o rabo torto para dentro.

Quando tinha de enfrentar aquela sina, já sabia: em menos de duas horas não estaria de volta. Não gostava do guichê preferencial. A fila dos idosos costumava ser a mais comprida, a mais pachorrenta e a mais maltratada, apesar dos avisos nas paredes e dos sorrisos falsos dos atendentes. Tinha apenas um caixa e era a vitrine da moleza e da entrevação. Causava-lhe irritação as assinaturas doloridas, os espetáculos lamentosos das senhas digitadas com molícia e insegurança. Ela, apesar dos setenta bem contados, era ligeira, desembaraçada... e impaciente. Vivia se esbarrando no pouco caso e no desinteresse dos funcionários. Já era conhecida na casa pelas broncas indignadas que já dera em alguns deles. Vira e mexe tinha de sair do sério e fazer um discurso inflamado, para ouvido nenhum.

*Al viento las campanas
Dirán que ya eres mía
Y locas las fontanas...*

Mas agora já estava em casa. Enfim, tinha chegado do seu embate do início de mês. Levava quarenta minutos para chegar até o caixa para pagar as contas de água, luz, telefone e descontar um cheque de cento e oitenta reais, para aquelas despezinhas que ficam pingando ao longo da semana. Quarenta minutos e toda a sua ojeriza pela instituição tinha sido renovada. Renovada e acrescida.

Se contarán tu amor...

A cadeira de balanço ia e vinha num rumo só, imitando o movimento da batuta de um maestro invisível. Resmungava um lamento metálico por cima da melodia de camurça. De olhos fechados, enlevada pela poesia que cirandava na bolacha negra de vinil, a maestrina fazia o seu cavalo de vime gangorrar imitando ritmos. Era infantil. Não, era poético. Não, era ridículo! Mas quem é que via?

*La noche que me quieras
desde el azul del cielo
las estrellas celosas
nos mirarán pasar...*

Então, a campainha soou.

Belinha ignorou o chamado. Então, soou novamente. Mais uma vez. Mas a viúva permaneceu em sua gangorra, taramelada para o resto do mundo... Para cima e para baixo. Rangendo as espirais de aço, como se surda fosse. Novamente a campainha toca. Agora mais nervosa. Quem planejava entrar demorou demais o dedo no nariz da coisa.

Y un rayo misterioso...

Foi a vizinha de baixo que, num grito debochado, vazou a informação pela parede divisória das cozinhas.

- Belinha, sua coroca surda, tem gente na porta!

A viúva ainda desfrutou de uns dois ou mais empinados nas pernas curvas da coisa, para depois perguntar, mirando a boca no rumo da porta.

- Quem é?

A voz de fora tentou superar os volteios de Gatica e parecer educada.

- Antonio Carlos.

- Quem?

- Antonio Carlos – agora mais alta, quase gritada, a voz de fora.

- Antonio Carlos... Antonio Carlos... Antonio Carlos de onde, meu Santo Pai?

A voz de Belinha não conseguiu disfarçar a descarada falsidade da pergunta. Ela mesma riu dentro da mão, do interrogatório fingido.

- Do banco, Dona Belinha.

- Do banco?

Continuou fazendo perguntas para respostas conhecidas.

- O caixa, eu liguei para a senhora...

- Ah, o caixa do banco?

Hará nido en tu pelo...

Belinha se levantou, deixou a bolsa escorregar para o assento, ajeitou sobre ela a chávena com o pires e caminhou sem nenhuma pressa para o rumo da porta. Desprendeu a trava de cima e rodou a chave duas vezes, suave e indolente, antes de abri-la o suficiente para socar por entre a ridicada fresta, dois olhos artificialmente inocentes.

Do lado de lá, um jovem aparentando uns vinte e cinco anos, cabelos comportados, gravata sem paletó.

- Me desculpe, moço... Antonio Carlos, não é?

Disse Belinha, pela porta entreaberta. O jovem respondeu fazendo uma pose de quem chegou, mas já estava de volta.

- É, dona Belinha, Antonio Carlos do seu banco. Eu liguei para a senhora...

- Claro, claro! Me desculpe a recepção, Antonio Carlos “do meu banco”, é que eu não estava te esperando tão rápido, né? Nem bem desligamos o telefone e você já está aqui na porta, não é? – a inflexão, propositadamente

carregada de ironia, fez o visitante ensaiar um ar de justificativa, mas foi atropelado por mais ironia que ainda tinha que ouvir.

- Isso é que é eficiência e amor ao dever, não é, Antonio Carlos “do meu banco”? Admirável! Admirável!

A complementação que fazia ao nome da visita vinha despididamente bezuntada de ironia moleca, acintosamente infantil. A viúva chegou-se pro lado e deu passagem ao rapaz. O jovem teve de andar de perfil, para se caber na sovinagem da abertura.

- A senhora me desculpe a insistência da campainha, mas...

A viúva foi doce, suave, generosa e compreensiva.

- O quê que é isso, meu filho! Eu só não abri logo, porque ultimamente ando morrendo de medo das portas e das janelas. É tanta violência com pessoas idosas, que gente como eu tem de se prender nas próprias casas, não é verdade?

- Não é brincadeira!

- Mas fique à vontade Antonio Carlos. Só não repare a casa, é casa de pobre.

O bancário torceu-se no próprio eixo à procura de onde se sentar, mas encontrou apenas uma sala despida. No seu redor, desmentindo a completa nudez do ambiente, apenas a cadeira de balanço com a bolsa cara e uma chávena de chá morno em cima.

- Imagina...

- Aceita um chazinho, acabei de fazer indagorinha.

- Muito obrigado, dona Belinha, é que eu tenho de fechar o movimento do dia e estou correndo atrás do relógio, me entende? Caixa de banco a senhora sabe, né?

- Oh, se sei! E como sei, meu filho, e como sei! Conheço muito bem os caixas de banco, sou correntista! – e ainda se melando em cortesias, a viúva dá as costas para a visita, ruma para a cadeira, pega a chávena com o pires e oferece novamente ao moço.

- É de camomila, pelo menos você vai ficar calminho se der alguma diferença no caixa.

O rapaz levou os olhos para cima.

- Mais do que já deu, dona Belinha?

E Belinha, na mesma artificial inocência:

- E não é que é mesmo? Mil e seiscentos e vinte mangos, não é?

E soletrou as cifras. Mil-e-seis-cen-tos-e-vin-te, né?

O jovem ia escorregando pelo assunto. Espichando sem querer espichar a conversa.

- Mais de um mês de salário, dona Belinha! Deus que me livre!

- E não foi minha culpa, eu tentei...

- Nossa! Puxa!

O caixa repuxou os lábios, contraiu as maçãs do rosto e chupou os dentes da frente para falar, meio tímido.

- Eu quero até me desculpar com a senhora, dona Belinha, mas é que...

Mas Belinha interrompeu.

- Águas passadas, meu filho, águas passadas...

Contudo, o bancário estava decidido a socar um indulto no oco de sua culpa.

- Acho que hoje, lá no banco, eu fui até meio deseducado com a senhora...

Mas não ouviu o que esperava ouvir.

- Se você acha, filho, quem sou eu para dizer que não, não é verdade?

Sentindo-se mais seguro, o caixa cuidou agora de encaixar, por segurança, uma desculpa a mais no que pensou já estar desculpado.

- Tem dia que a gente não agüenta o estresse, dona Belinha ...

Foi o seu crime. A viúva, rápida, como se já esperasse o mote, enxertou gramática na reticência.

- Eu compreendo, meu filho, eu compreendo. É mesmo muita tensão sobre vocês. Tensão demais. Tanta tensão, que o resto da humanidade só tem de agradecer a Deus não ser forçada a aceitar um emprego tão desgastante como o seu.

O rapaz não entendeu a alfinetada e achou que era ali o momento certo para aplicar um torniquete definitivo naquela sangria incômoda.

- Demais, dona Belinha, muita tensão... é tensão demais!

Porém, dona Belinha, que ainda tinha muitas mágoas para escorregar para a boca ferina, puxou mais pra frente o miolo do assunto.

- Aí vocês aplicam o princípio da catarse, não é mesmo?

- Como, dona Belinha?

- Catarse. Você não sabe o que é catarse, Antonio Carlos?

- Bem...

O caixa não sabia. Era jovem demais e muito mal formado para saber que bicho era aquilo.

- Você não fez teatro na sua escola, meu filho?

- Bem...

- Bom, para encurtar a conversa, é mais ou menos isso: para não explodir em mil pedacinhos do lado de dentro do guichê, vocês dos caixas escolhem do lado de lá, uma velha pensionista na fila e descarregam nela as tensões da vida. Isso é catarse, Antonio Carlos.

- Isso é, é vingança, dona Belinha.

- Seria vingança se não fosse “medicinal”. Sendo “medicinal” é catarse. Me entendeu? Pelo menos é assim que vocês pensam e justificam.

Agora o recado fez sentido. O rapaz, tomado de surpresa pelo golpe inesperado, escorou-se na primeira muleta disponível na língua.

- Bem...

Rápido, Belinha mudou de assunto.

- Mas o meu chazinho você vai ter de tomar.

E o bancário caiu na armadilha.

- Vô, dona Belinha?

A pergunta não queria ser pergunta, nasceu para ser um protesto, mas morreu nem uma coisa nem outra nos braços de uma resposta meio séria, meio brincalhona, de dona Belinha.

- Eu aceito você ser deseducado comigo, lá no meu banco, aliás, no “nosso” banco, mas aqui na minha casa, Antonio Carlos, você vai se comportar direitinho.

E assim, Belinha arrumou uma companhia para o seu chá de camomila.

- Faça o favor, dona Belinha, o seu chazinho eu vou aceitar.

- É de camomila, é ótimo pros nervos. Eu posso até imaginar como devem estar os seus hoje.

Parecia que Belinha estendera a mão ao desengonço do rapaz. O infeliz do bancário estava ali em pé e tinha na cara uma insegura expressão de nada.

- Nem me lembre – respondeu, ele mesmo se lembrando dos fatídicos acontecimentos de momentos atrás. Belinha emenda, para não deixar escorrer para garganta, o que tinha atravessado na boca.

- Contas pra pagar, prestações vencendo, combustível, impostos... e um rombo desses no salário, então a gente pira!

- Não gosto nem de pensar...,

- Eu é que não gostaria de estar na sua pele.

- Nem queira, dona Belinha, nem queira!

E Belinha voltou para a cozinha deixando o comentário do rapaz se equilibrando na última beirada da boca. Ficou por lá alguns instantes para deixar o assunto sem sustância e voltou com um bote novo pendurado na língua.

- Pois é, né, Antonio, então, hoje lá no seu banco, aliás, no nosso banco, o sofrimento pulou o balcão, não é?

O rapaz sentiu o prenúncio de mais uma estocada ferina.

- Bem...

Belinha jogava o anzol e explicava a fisdada, que era para o peixe saber por qual das bocas ímprobos tinha sido ferido.

- Até ontem isso era privilégio dos clientes.

- Ah...

Dizendo isto, a viúva novamente caminhou para a cozinha, levando a chávena de chá cuidadosamente equilibrada no pires. Ficou por lá alguns outros segundos e voltou, como se tivesse apenas se enfiado atrás da porta para trazer de lá alguma coisa pedida.

- Mas você não é obrigado a ouvir nada disto, não é, Antonio Carlos? Você não é banqueiro, você é bancário.

O rapaz não sabia como proceder. Ainda nem tinha desengarranchado da cabeça a resposta para a provocação anterior e já precisava acudir um outro insulto velado.

- Pois é...

Foi o que se atreveu a responder. Sabia que se ficasse calado também não se pouparia. E, como só tivesse vindo para dizer o que disse, Belinha voltou novamente para a cozinha. Na mão, o chá, já frio, dentro da chávena,

com a bunda vagabunda no meio do pires. E, lá de dentro, põe mais uma gota de fel na sua armação ressentida.

- Você é apenas um caixa.

- É...

- E os caixas são apenas outras vítimas, não representam a instituição, não é? Todos vão para o céu.

Seria mais um insulto? Seria uma escancarada absolvição para os seus pecados de caixa bancário? Seria a senha da trégua, a penitência de Belinha, depois de tantas insinuações ferinas? Pelo sim, pelo não, o bancário arriscou:

- Também não é assim, né, dona Belinha?

- Também acho!

E Belinha acochou mais um pouco o nó no pescoço da vítima. O coitado do caixa ficou sem palavras para registrar uma frase de defesa, sem um gesto para carimbar a indignação que sentia. Foi quando ouviu o que mais uma vez lhe pareceu ser um gesto de humanidade da viúva, um remendo improvisado sobre os golpes incessantes a ele desferidos.

- Mas não fique assim, não, meu filho. Até eu, que não tinha motivo para ficar nervosa, quando saí do seu caixa e contei aquele mundo de notas sobrando de meu cheque, fiquei de perna bamba, uai! Foi um susto ver o meu cheque de cento e oitenta reais, se multiplicar em mil e seiscentos e vinte, assim, num minuto.

O caixa aproveitou a trégua, para se refazer.

- Pois é, dona Belinha, na afobação de atender aquele mundo de gente na fila, li mil e oitocentos ao invés de cento e oitenta.

Belinha que não tinha limite para o tricotado, não precisava fazer economia de linha.

- Eu vi a sua afobação. Em um pouco mais de quarenta minutos você já tinha atendido... duas pessoas.

Até ela mesma sentiu que estava baixando o nível e caindo na tentação das mordidas gratuitas.

- Mais que isso, dona Belinha, é que tem dia...

Era preciso uma pausa para restabelecer o jogo, então, num repente, a viúva muda novamente de assunto.

- O filho toma com açúcar ou com adoçante?

- Com açúcar mesmo está bom.

A velha volta para a cozinha, com a chávena e o pires na mão. Enquanto saía deixou mais curto o rastilho:

- Então, na hora de fechar o caixa...

O caixa, inteirou, inocente.

- A senhora imagina, né? Mil e seiscentos e vinte é muita diferença.

E Belinha riscou o fósforo.

- Mas o filho logo se lembrou...

- É, me lembrei da senhora voltando no guichê e me dizendo que eu tinha errado nas contas.

E ajudou no estampido.

- E que você respondeu que era problema meu, que eu deveria ter conferido na boca do caixa, não é?

O pobre do bancário tinha de se abraçar com o que tivesse boiando entre os despojos daquele fatídico assunto. Rodou novamente como cachorro atrás do rabo para ver se achava alguma coisa onde se encostar, mas apenas encontrou a cadeira de balanço com a bolsa da granfina em cima.

- A senhora não tem a idéia do tanto de gente que tenta passar a perna nos caixas de banco, dona Belinha.

Nem sempre o que está sobre a água é o que bóia, pode ser o que mais afunda, mas espera por companhia.

- E eu não sei, meu filho? Se os caixas de banco não abrirem os olhos com as viúvas pensionistas, mal-encaradas, que infringem a lei e lesam diariamente os pobres banqueiros, estarão todos perdidos.

Junto com o verbo, às vezes, também se engole a língua.

- Às vezes a gente...

E Belinha, de novo, pôs um sopro passageiro em cima da mordida.

- O filho disse com açúcar ou com adoçante?

O moço engasgou. Entalou-se com o que ia falar e com o que precisou dizer.

- Qualquer um, eu tenho de correr pro banco, o gerente está uma fúria, dona Belinha.

- Não me diga! O gerente? Meu Deus, eu nunca poderia imaginar que aquela tartaruga entrevada podia se tocar por algum motivo!

O bancário quis se assustar, dona Belinha, acudiu-lhe o susto a tempo.

- Brincadeira, brincadeira, Antonio Carlos, eu não tenho nada que criticar o seu gerente.

- Gerente é gerente, não é, Dona Belinha? Além do mais, a responsabilidade também é dele.

- E é a única, pelo que me tá parecendo!

- Como?

E a viúva novamente aplicou sua técnica:

- Tem gente que gosta com açúcar mascavo.

O infeliz do bancário precisava se sentar, mas na sala só aquela cadeira cínica. Em pé, rodando atrás do rabo, tenta com pedagógico jeitinho, falando quase cantado, pôr um fim naquela tortura.

- O chazinho de dona Belinha não vai sair a tempo, e eu estou mesmo com a corda no pescoço.

- Claro, claro! Eu e minha boca grande espichando prosa, não é? Me dá licença.

A dona da casa sai, mas volta em seguida, a tempo de flagrar o rapaz novamente procurando onde pudesse arriar a bunda. Pára, consulta o vazio do cômodo, e, com uma voz artificialmente lastimosa, se derrete em desculpas.

- O filho vai me perdoar eu não convidá-lo a se sentar, mas como o filho pode ver, não tem mesmo onde. O filho não ia se sentir bem, ali naquela cadeira de gente velha, não é mesmo? Por isso eu nem convidei o filho pra sentar nela. Deixa pra mim que já tenho mais de setenta e estou saindo do seu banco, quer dizer, do nosso banco, onde fiquei em pé numa fila mais de quarenta minutos pra descontar um cheque e pagar duas contas, e cheguei com as pernas bambas.

E se sentou ao som de dois profundos gemidos. O rapaz acode a observação, como quem apara coisa de louça caindo.

- Não se incomode, dona Belinha, eu estou bem.

- Não estou incomodada, Antonio Carlos. Lá, no “meu banco”, eu estava incomodada. Aqui em casa, só estou indignada.

O jovem abre a boca e tenta enfiar mais um calço inútil sob aquela roda desgovernada, mas Belinha é mais astuta.

- Açúcar, não é?

O infeliz pensou que fora poupado.

- Ou com adoçante, tanto faz...
- Odeio adoçante! Adoça no início, amarga no fim.

E volta para a cozinha. E de lá fala espichando a voz para nada se perder no caminho.

- Aí, o filho foi fazer as contas no fim do expediente, e olha lá o buraco...
- É...
- Mil e seiscentos e vinte...
- É...
- Quase um mês de salário...
- Quase? Um mês...
- Aí, o seu gerente empinou a carroça com o filho.
- A senhora já viu, né?
- Aí você disse pra ele: ah, foda-se!

O bancário teria se sentado, houvesse onde, teria corrido, houvesse lado, teria morrido se ainda vivo.

- E eu posso dizer isso pra ele, dona Belinha?

Foi de uma sinceridade infame, o infeliz do menino. No rastro da resposta entreguista, entra a dona da pergunta, com a mesma chávena e o mesmo pires na mão.

- Mas foi o que você disse pra mim, quando eu insisti que a conta que você tinha feito estava errada, não foi?

E golpeia de morte o funcionário ferido.

- Acontece, dona Belinha que...

- Bobagem, filho, bobagem! Aliás, esse seu convite era mesmo redundante.

O menino, inocente, pousou no pino da arapuca.

- Era... como assim, dona Belinha?

- E o que você acha que o seu banco estava fazendo comigo naqueles quarenta minutos de fila, meu filho?

- É uma situação...

Foi o que lhe saiu.

- É incrível o poder medicinal da camomila, sabia?
- Faço idéia.

O rapaz, então, resolveu abrir o jogo.

- Está me parecendo, dona Belinha, que a senhora está se vingando de mim.

- Me vingando de estar mais rica mil e seiscentos e vinte reais, Antonio Carlos? Só se eu fosse besta!

- Mas esses mil e seiscentos e vinte reais não são da senhora, não, dona Belinha, são do banco.

- Mas o banco não quis, meu filho, o banco recusou.

- Ele não recusou, dona Belinha, ele apenas...

- Uai, me pareceu que o banco não queria esse dinheiro, Antonio.

- O banco quer sim, dona Belinha.

- Mas ficou claro que não queria, Antonio!

- Por que a senhora acha que ele não quer, dona Belinha?

- Porque eu quis devolver e ele me mandou, como é mesmo? me “foder”, não é isso? No mínimo, numa ação judicial, meu filho, eu poderia justificar que essa grana na minha conta é pagamento de michê.

- A senhora entende a minha situação, né, dona Belinha?

- E qual a sua situação Antonio Carlos?

- De precisar desse dinheiro, e ter de vir amolar a senhora depois do que aconteceu lá na agência.

- Qualquer um faria a mesma coisa.

- Obrigado. Mas a senhora tem razão em...

- O chá está bom?

- Muito bom.

- É calmante.

- A senhora já me disse.

- O que eu disse não é importante. O importante é o que ele faz.

- Deixa a gente calmo, não é?

- Você é muito perspicaz, Antonio. Você não acha que seria ótimo se o banco oferecesse esse chazinho pros correntistas também, não acha?

E ela, que deu a receita, corrigiu o diagnóstico.

- Não! Não! Não é recomendável! Vamos lá que os funcionários também bebam... aí a agência pára.

- É...

O caixa estava anestesiado. Insensível. Inatingível para as próximas cutiladas. E a próxima cutilada estava mais próxima do que ele imaginava.

- Vocês já tiraram o relógio da parede que era pra ninguém sentir que tava vivo ali dentro, e se tomam a camomila podem entrar em alfa... sem testemunhas.

O caixa não precisava mais responder às provocações, tinha morrido para aquele resto de tarde. Virara um zumbi. Irresponsável. Uma sombra de gente. Então bebeu rapidamente o chá e devolveu, mecanicamente, a chávena para Belinha. Depois da degustação sofrida, conseguiu tirar da boca apenas o som burocrático de uma observação comezinha.

- Eu já tomei o seu chá, e, se a senhora não se importa de me dar o dinheiro, eu estou mesmo em cima da hora.

Belinha pegou de dentro da bolsa um pacote de notas.

- Estão aqui os mil e seiscentos e vinte da discórdia, meu filho. Menos, é claro, as taxas que eu deduzi e lancei como “saldo aprovisionado do dia”.

Claro. Tudo era normal naquele encontro. Até o absurdo, esse trivial companheiro dos caixas de banco quando nas mãos de Belinhas. Nada mais incomodava o bancário.

- Sei...

- Brincadeira, Antonio, brincadeira.

Nada mais incomodava o bancário, nem as surpresas das idas e vindas de sua sina.

- Mas, uma notícia boa eu tenho pra dar pra você, meu filho.

- Sei, dona Belinha...

- É que tive o cuidado de passar no comércio e trocar tudo em notas miúdas, que é pra facilitar o troco pro expediente de amanhã. Faço questão de cooperar pra não deixar as coitadas das minhas amigas pensionistas em pé no balcão, esperando vocês trocarem dinheiro com o caixa do lado, quando sempre “rola” um papinho.

Até o absurdo, esse trivial comparsa das viúvas ultrajadas, esquecidas nos quintos dos apartamentos! O caixa não tinha mais emoção para ornar os seus súbitos. Até o maior dos sobressaltos, dali para frente soaria como reza de contrição em boca de menino.

- Trocou os mil e seiscentos e vinte reais, dona Belinha?

- Em notas de um, dois e cinco, que eu vou contar na sua frente, pra não correr o risco de cometer com você, o mesmo erro que você cometeu comigo.

E foi como um autômato que o bancário marcou sua versão sobre o último golpe desferido.

- Dona Belinha, tem bancário perdendo aula, mãe com menino berrando na creche, marido esperando na porta da agência, bancário que mora em outra cidade e depende de ônibus fretado que sai em horário rigoroso. Todo mundo dependendo só desse dinheiro, pra fechar o movimento. Se eu não levo esse dinheiro a tempo, dona Belinha, o gerente não dispensa o povo, e a senhora não tem idéia do transtorno na vida deles.

Todavia, Belinha estava em pleno gozo de sua vingança.

- Não brinca, Antonio! Do jeito que vocês contam dinheiro e carimbam papel lá na agência, eu poderia jurar que nem conhecem relógio.

- Eu estou implorando à senhora.

- Então vamos apressar a contagem – e abrindo o pacote de notas se põe a contar, bem devagarinho - dez, vinte, vinte e um, vinte e três, vinte e cinco, vinte e seis...tem muitas notas de um. Você não acha que a gente deve conferir se cada uma está em condições de circular sem comprometer o banco? Ah, perdi a conta, vamos começar de novo...

Foi por um impulso da profissão que o caixa cometeu seu último erro.

- Deixa que eu conto pra senhora.

Para ouvir o último, ultrajante e ferino gracejo

- Deus que me livre, filho! Prefiro contar eu mesma. Até porque se acontecer outro erro nas contas, eu já estou muito velha pra me foder duas vezes no mesmo dia. Vamos lá...dez, onze, doze, quatorze, quinze, vinte, trinta...infelizmente não posso mandar você se sentar... vinte e um, vinte e três, vinte e quatro...pois como você pode ver, não tem onde...vinte e cinco...depois de contar as cifras a gente conta a quantidade de notas que é pra ver se bate, pra não ter erro nenhum...

Eram quase oito horas da noite quando o bancário desceu os dois lances de escadas que davam para a rua. Belinha trancou a porta e, ao som de *El dia que me quieras* na voz melosa de Lucho Gatica, pôs-se a arrastar para a sala, dos cômodos internos da casa, as peças do mobiliário que ali tinha escondido.